

A ROTA GENUINAMENTE DIVINA

(THE ROUTE GENUINELY DIVINE)

Maria Luiza Rodrigues Lopes¹⁸

RESUMO:

O texto pretende apresentar, em linhas gerais, a proposta educacional descrita no Banquete de Platão, de modo a evidenciar sua tentativa de redefinir as características principais da *paideia*, enquanto iniciação erótica. Há, no texto também, uma narração dividida, didaticamente, em quatro partes para a apresentação dessa condução do homem filósofo para a ascensão dialética, que o leva para a contemplação final do belo, gerando, neste homem, grandes efeitos, isto é, uma verdadeira revolução no que concerne à sua concepção de mundo. De maneira que evidencia o porquê Platão considerava a educação um caminho único para o reconhecimento da própria realidade e a única forma de consumir o preceito délfico do “conhece-te a ti mesmo”.

Palavras-chave: educação, iniciação, eros, rota, divino.

ABSTRACT: This paper intends to present in general terms, the educational proposal described in Plato's Banquet in order to highlight its attempt to redefine the main characteristics of this *paideia*, as erotic initiation. There is also a narration divided into four parts by the way of presenting this conduction of the philosopher to the dialectical ascension, which leads him to the final contemplation of the beautiful, generating in this man great effects, that is, a true revolution in the which concerns his conception of the

¹⁸ Graduanda de Licenciatura em Filosofia, na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo, Brasil.

world. In a way that shows why Plato considered education a unique way to recognize reality itself and the only way to consummate the Delphic precept of "know thyself."

Key words: education, initiation, eros, route, divine.

1. INTRODUÇÃO: A ROTA GENUINAMENTE DIVINA

Segundo Cordero (2011 p.136), Doutor em filosofia e diretor da seção de estudo da Universidade Nacional San Martín, diz que: "Toda filosofia de Platão é uma tentativa de explicar e superar a morte de Sócrates", assim, com a morte de seu amigo, Platão enxerga uma necessidade de recriar os moldes da Paideia – entende-se *paideia* no sentido de educação– "porque uma polis que julga mal é porque está mal educada"¹⁹. Destarte, a proposta platônica de um método consistente para a restauração de valores verdadeiramente capazes de orientar a conduta humana, isto é, a definição de um caminho firme, orientado para o cuidado da própria alma – e essa noção de cuidado para com a alma será desenvolvida à medida que falarmos da concepção especialmente grega sobre o corpo.²⁰ Evidencia que o caminho platônico tem como intuito principal o distanciamento do homem de atos e pensamentos desordenados. Dado que são esses atos e pensamentos que o afastam da verdade, do reconhecimento das causas primeiras que determinam a própria realidade, e primordialmente, o afasta da obtenção da suma felicidade.

Em tempo, esse artigo é, em principalidade, um chamamento para repensarmos e analisarmos a beleza no processo educacional platônico, que tinha primordialmente uma genuína valorização da alma, da virtude enquanto excelência humana, uma aspiração máxima para a mais íntima comunhão com o belo, e a realização última do Homem: seguir a rota de seu destino. De modo que Diotima mestre erótica de Sócrates

¹⁹ CORDERO, Luis. 2011, p.136.

²⁰ Ver Lima Vaz, Platónica- escritos de filosofia VIII. 2011.

nos descreve que: “Nesta vida, meu caro Sócrates, um ser humano julga realmente a vida digna de ser vivida ao contemplar o belo em si” (O Banquete, 211d).

1.1 AS TENSÕES

A educação tradicional na Grécia antiga era baseada no ensino puramente não-intelectual, de maneira que os pais, os tutores e até mesmo escravos – que continham um certo aprendizado – eram responsáveis pela educação dos jovens atenienses. E como versa Scolnicov (2006), ilustre professor e pesquisador de filosofia e ex-presidente da Sociedade Internacional de Platão, estes jovens atenienses aprendiam também muitas vezes por admoestação e emulação e, com o passar do tempo, as próprias leis da polis eram incumbidas de fixar, através de regras e normas que todos cidadãos deveriam seguir uma espécie de aprendizado do que devia ou não fazer. Porém, este processo de aprendizado não-intelectual deu margens para o movimento sofista e, de acordo com o Scolnicov, permitiu que reconhecessem (em específico os protágóricos) que este tipo de aprendizado é “[...] compatível, para Protágoras, com um relativismo epistemológico e ético dos mais profundos”²¹.

O relativismo epistemológico pode ser entendido por uma breve comparação com o objetivismo – cujo neste artigo será fundamental para o entendimento até do posicionamento platônico. Com efeito, diferentemente do objetivismo, que mantém a verdade como algo independente das pessoas, de modo que seja entendida como algo que não necessitada das razões psicológicas que as pessoas possam ter, o relativismo epistemológico é a crença de que a verdade é algo puramente psicológico. De maneira que esse posicionamento faz com que a verdade esteja completamente dependente e coligada ao homem. Este homem, que para o próprio Protágoras – um dos sofistas mais conhecido – serve de medida a todas as coisas.

Assim, o posicionamento sofista sobre educação era baseado em um processo educativo puramente psicológico – subjetivo – que adota o aprendizado como puramente uma convicção pessoal que estabelece ela mesma. Reforçando, assim, a noção

²¹ SCOLNICOV, Samuel. 2006, p.16

tipicamente sofisticada de que o que move o homem não é o verdadeiro, mas sim aquilo que o convence, e a consequência disso, é claro, é que a verdade é aquilo que parecerá verossímil a cada um. E, para que fique melhor fixado, essa imagem do posicionamento sofista, vejamos o trecho de Scolnicov (2006, p.24):

Protágoras nos promete fazer mais forte o *logos* mais fraco. Ele não os compara por uma medida comum, que para ele seria de toda maneira impossível. Não se trata de trocar o falso pelo correto, mas o menos convincente pelo mais convincente. O verdadeiro é o que convence, o que tem efeito na vida humana. A lógica é reduzida sem resto à psicologia.

Entretanto, essa posição educacional sofisticada irá na contramão dos valores da *paideia* platônica, que reconhece a educação como o caminho para alcançar o que se tem de mais verdadeiro, ou seja, a educação é o único caminho para redescobrir o que determina e unifica toda a realidade do próprio homem. Nesta conformidade, vejamos outro trecho que exemplifica de forma sintetizada a ação platônica frente a esse posicionamento relativista:

Para Platão, tal posicionamento proto-pós-modernista era claramente inaceitável. Mas ele reconheceu e apreciou a força da tensão entre objetividade e subjetividade na teoria e na prática da educação. Ele também reconheceu, como já Sócrates reconheceria, que qualquer programa educativo confronta essa tensão como seu problema principal. (SCOLNICOV,2006, p.24).

Assim, Platão propõe a própria solução do principal problema educacional, isto é do relativismo moral e epistemológico que se mostra na concepção sofisticada. O autor do Banquete, com efeito, define como meta necessária no processo erótico (que será o processo educacional), “a passagem do psicológico ao lógico”, como a necessidade de uma recriação completa da *paideia*. Essa passagem necessária no processo educacional platônico, se apresenta, portanto, como uma verdadeira descida nas profundezas do

psicológico. Essa descida, ou melhor, essa introspecção, de acordo com Scolnicov, de maneira alguma deve ser interpretada como uma volta para seus sentimentos como é compreendida na modernidade.²²

A introspecção platônica-socrática é, então, uma volta para si, que orientada corretamente, tem como resultado o escopo de cultivar o autoconhecimento, para o cume da objetividade. Logo, a objetividade – o lógico – é o reconhecimento do que é comum a todos, a razão: o reconhecimento da própria natureza humana. À vista disso, percebe-se que a *paideia* platônica caminha não para a adoção de uma visão do que é verossímil para cada um, mas para uma aspiração da suma verdade, comum a todos. Além disso, é imprescindível que não deixemos o Platão como um pensador demasiadamente racional. Platão, exemplarmente na atitude dialógica de Sócrates, reconhece a importância da subjetividade e, recria seus valores educacionais, visando a união dessas tensões.

1.2. CARACTERÍSTICAS DA PAIDEIA PLATÔNICA

Sempre guiado pelos escritos de Samuel Scolnicov, e alguns outros comentadores que já foram ou serão utilizados nesse texto, podemos entender que para Platão, portanto, toda educação é erótica, advindo de um impulso daimônico, que escreve, com efeito, Scolnicov: “[o] impulso erótico – e toda educação, para Platão é erótica – e a ânsia pelo que nos falta, são uma consequência da nossa deficiência, da qual somos penosamente conscientes”²³. Sendo assim, é imprescindível que tenhamos em mente, antes de prosseguirmos na explicação das características dessa *paideia*, que a educação platônica não é apenas erótica. Apesar do impulso daimônico fomentar a aproximação do homem filósofo para a sua rota, é só e apenas o homem, o único responsável pela decisão de entrada nesse caminho filosófico.

²² Similar ao voltar-se para si apenas para aprender lidar com os sentimentos.

²³ SCOLNICOV, Samuel. 2006, p.30.

Ora, este caminho filosófico, que Platão em seus inúmeros diálogos evidenciou o quão difícil é entrar e permanecer nele, nos faz perceber que é necessário ser demasiadamente corajoso para se inserir nessa rota. Então, podemos concluir que “A filosofia, nesse contexto, pareceria ser parte de um caminho para a coragem; mas a coragem também é necessária para seguir a filosofia”²⁴. A educação é, portanto, ao mesmo tempo uma práxis humana que orienta progressivamente o próprio dinamismo erótico, a confusa mescla de desejos por vezes contrários e paixões intensas, para a rota final, do *logos*, do inteligível, assim como o mesmo Sócrates descreve em *Banquete*, 210 e. Por fim, apesar desse texto abordar apenas o dinamismo erótico da educação platônica, é importante que saibamos tal profundidade dessa recriação do sistema educacional, que Platão ofereceu-nos. Mas, antes de analisarmos detalhadamente essa união de eros com a educação, é preciso se perguntar o que é eros?

1.3. A NATUREZA ERÓTICA DA EDUCAÇÃO

É nos diálogos entre Diotima de Manteneia e Sócrates em “O Banquete” que compreendemos, primariamente, Eros como a mediação entre o divino e o mortal, isto é, Eros nesse diálogo é definido por Diotima “um grande dáimon” (O Banquete, 202e). Entende-se por dáimon, aquilo que vincula entre deuses e homens, é o intermediário, o mensageiro de coisas divinatórias para seres mortais e coisas humanas aos seres divinos, e Eros é uma das ligações que garante o parentesco dos homens com o divino. Além disso, podemos entender o que é Eros pela sua gênese. Eros é filho de Poros – personificação divina de recurso, meio, atingir algo – e de Pênia – personificação divina de penúria e pobreza – e, por essas características de seus progenitores, Eros como escreve no *Banquete* de Platão: “Em primeiro lugar, está sempre na penúria e longe de ser, como a maioria imagina, delicado e belo [...]”:

²⁴ GORDON, Jill. 2015, p.100.

Entretanto, assemelhando-se ao seu pai, é planejador que visa a tudo que é belo e bom e, de fato, ele é corajoso, impetuoso e intenso, um admirável caçador, o tempo todo urdindo estratégias; desejoso e amante da sabedoria, passa a vida em busca do entendimento (O Banquete, 203d).

Eros apesar de ser apresentado pela sua gênese e sua natureza mediana, que vincula entre as coisas divinatórias e mortais, na paideia platônica recebe ainda uma maior significação. Em suma, no próximo tópico iremos ter que entender Eros também como um impulso que tenta orientar o homem para sua razão de ser, e que ele também é o elo garantido de nossa ligação com o que se tem de mais divino.

1.4. UMA RELAÇÃO

Tendo a manifestação de Eros em nossa alma, é o reconhecimento de seu poder divino que irá unir relação do homem com o dáimon na filosofia platônica. É o impulso erótico, que de acordo com a Gordon (2015, p.14) “[...] define o que buscamos e como buscamos”, ou melhor dizendo, “[de] modo similar, a coragem nos permite buscar objetos de eros, enquanto o eros também pode nos dar coragem”²⁵. À vista disso, começamos ter uma clarificação e noção do porquê Platão propõe essa experiência erótica, como valor fundamental para toda o processo educacional. Inclusive, eros deve ser bem orientado, de modo que ele afirma em seus diálogos ditos como eróticos (Banquete, Lísias, Alcibíades I, Fedro, entre outros), que é necessário um amante verdadeiro que guie o Eros do amado.

Para Platão, o Homem que decidi corajosamente – já impulsionado por eros – seguir o caminho filosófico, que é demasiadamente difícil e árduo, não deve seguir – até porque seria meramente impossível – ao seu destino final sozinho, pois é necessário um *erastes* (amante). Essa dependência erótica do *eromenos* (amado) é perfeitamente

²⁵ GORDON, Jill. 2015, p.100.

explicada como uma imagem do amante que serve como espelho, para refletir o verdadeiro “eu” do amado, isto é, refletir o que o amante, por sua caminhada filosófica já permite reconhecer a verdadeira beleza, a alma do amado.

O escopo será de cultivar o autoconhecimento e a entrada, conseqüentemente a permanência do amado no caminho filosófico, a fim de que ele se lembre de sua origem divina do sentimento apaixonado que o anima e participe da mais íntima comunhão com o belo que é o objetivo final de toda *paideia* platônica. Aliás, o autoconhecimento aqui e como já citado anteriormente, não é o conhecimento no sentido moderno, no qual acabamos por nos descrever, assim como Alcibíades – personagem histórico de grande importância, e que aparece como personagem em alguns diálogos platônicos – fez, de modo a caracterizar o seu “eu” pela sua riqueza, beleza corporal, vestes e etc.

O desafio do autoconhecimento que é assim proposto é, inclusive, uma das maiores barreiras dos interlocutores de Sócrates, descritos nos diálogos platônicos como um olhar para si, para a própria alma, necessário para descobrir sua natureza divina, e ordenada por um princípio inteligível. Em suma, eros é a experiência que conduz o Homem e proporciona a aspiração, o verdadeiro desejo pelas coisas nobres, belas e boas. Eros é acima de tudo, o dinamismo da alma que permite essa caminhada erótica, e é também o valor fundamental para colocar em prática o preceito délfico do “conhece-te a ti mesmo”. E, para uma compreensão maior, fiquemos com um trecho de Lima Vaz:

Ele [eros] é a um tempo interiorização e ascensão. Sua meta é o mundo superior das Formas divinas. Os passos dessa ascensão tinham sido descritos no Banquete mediante uma dialética particular que utilizava formalmente a noção mesma do belo.²⁶

2. A SUBIDA AO INTELIGÍVEL

Antes de passarmos ao nosso próximo tópico, que será uma análise dos degraus descritos no diálogo “O Banquete” para a ascensão do amado, temos uma grande

²⁶ LIMA VAZ, Henrique. 2011, p.30.

ressalva: qual ressalva? A relação entre dialética e filosofia. A dialética pode ser entendida como uma arte de costurar argumentos, de maneira “artesanal”, que vise, primordialmente, a relação coerente e verdadeira entre argumentações. Nada obstante, a dialética também é compreendida na filosofia platônica como a ciência máxima, que consiste na busca de relações fundamentadas e verdadeiras, no qual o filósofo encontrará essas fundamentações coerentes entre argumento à medida em que ascende para a contemplação das ideias, isto é, a contemplação da verdade. Com efeito, a relação de dialética com a filosofia se encontra, primariamente porque essa máxima ciência para Platão só é possível, quando o homem (o filósofo) decide entrar no caminho educacional que, como vimos, orienta e alimenta propriamente o impulso erótico. “É a natureza mesma de uma dialética própria ao eros que se trata de investigar. Só ela poderá esclarecer-nos sobre a natureza da Ideia do Belo e sobre esta visão súbita que coroa a iniciação de Diotima”²⁷

2.1. DO CORPO AO DISCURSO

Após a tentativa de elucidar alguns preceitos fundamentais para a compreensão da paideia platônica, é o momento para analisarmos passo a passo para a ascensão dada por Diotima no diálogo “O Banquete”.

1º. PASSO: “Primeiramente, se seu condutor – eros – o conduzir corretamente, deve se apaixonar por um corpo em particular e neste gerar belos discursos [...]” (PLATÃO, 210a/b).

Este primeiro passo dado por Diótima nos faz analisar sobre duas coisas. A primeira, é a experiência erótica como condutora humana, “eros como um elemento mediador que põe a alma em contato com o reflexo luminoso da beleza: é a vista

²⁷ LIMA VAZ, Henrique. 2011, p 52-53.

corporal”²⁸, visto, que *eros* movimenta o Homem para entrar em contato com outros seres através de relações desejosas, que irão participar e influenciar o processo de ascensão do próprio Homem – o amado – até que ele contemple o objetivo final dessa ascensão e se torne ele amante de coisas belas e boas. Em outras palavras, até que o amado se torne verdadeiramente filósofo.

O primeiro passo dessa escada erótica é o impulso de *eros* para a aproximação de um corpo belo em particular, já que para encontrarmos o belo completo, devemos, em primazia, observar o belo evidente. Na descrição desse processo proposto pelo estudioso Lima Vaz, “no primeiro movimento (vista da beleza sensível), o *eros* supera já a falsa limitação do primeiro discurso. Ele desperta a alma a lembrança indelével da Beleza contemplada [...]”²⁹.

Por fim, o belo corporal “cede o seu posto, como mediadora, ao discurso interior, à dialética”³⁰. Em Segundo, a reflexão dita por Diotima de gerar belos discursos é “[a] primeira obra de *eros* despertado à vista do corpo belo é gerar belos discursos”³¹. Uma imagem dessa iniciativa de gerar belos discursos se encontra no próprio diálogo *Banquete*:

[...] conduzir aos vários ramos do conhecimento, onde igualmente lhe será permitido contemplar uma esfera de beleza [...] voltando ao vasto mar do belo lhe é possível, mediante sua contemplação, gerar em todo seu esplendor muitos belos frutos em discurso [...] numa colheita de filosofia (PLATÃO, 210 d).

De modo que gerar belos discursos é a forma de ser revelada em discussão a beleza da alma, já que é na alma, possuindo *logos* (palavra, discurso, razão) que o amante contempla a capacidade de produzir coisas belas, isto é, “haverá comunicação de ciência rigorosa no *logos*.”³²

²⁸ Ibid., 2011, p.29.

²⁹ LIMA VAZ, Henrique. 2011, p.25.

³⁰ Ibid., 2011, p.27.

³¹ Ibid., 2011, p.14.

³² Ibid., 2011, p.27.

2.2. A UNICIDADE DO BELO

2º. PASSO: “[...] é necessário que observe como o belo associado a um ou outro corpo é cognato do belo associado a qualquer outro, e que se pretende buscar a beleza da forma seria muito tolo se não considerasse como uma e a mesma a beleza de todos os corpos” (PLATÃO, 210b).

O segundo passo dado pela mestre erótica é a sequência da questão anterior: para se tornar mestre dessa arte, é necessário que “discerne um certo conhecimento singular que está associado a uma beleza ainda por ser revelada” (PLATÃO, 210d). De maneira, que o futuro amante consiga discernir o belo do corpo particular escolhido, não apenas como uma beleza corpórea singular e que pode ser relativa, mas que compreenda nela uma beleza universal, única “[...] a qual é independente e por si, enquanto todas as coisas belas dele participam de um tal modo que, enquanto estão submetidas ao processo de vir a ser e ao perecimento, ele não se torna maior ou menor, não sofrendo a ação de nada” (PLATÃO, 211b).

Portanto, é necessário que o amado perceba que o belo evidente que lhe atraiu, visto como passo inicial para a caminhada da ascensão dialética, foi uma sinalização de que aquele belo particular participa de algo universal. Entramos, assim, numa concepção propriamente grega, sempre apontada por Lima Vaz que afirma: que “o corpo é uma individuação da alma”³³ e, por isso, a beleza do corpo torna-se universal, “não mais um só corpo belo, mas todos os corpos belos. Daí a passagem do belo corporal à beleza da alma [...]”³⁴

³³ LIMA VAZ, Henrique.2011, p.14.

³⁴ Ibid.,2011, p.14.

2.3. O DESPREZO DO AMANTE

3º. PASSO: “[...] deve fazer de si um amante de todos os corpos belos e atenuar a intensidade do que sente em relação a um só corpo desprezando-o e o estimando-o como insignificante.” (PLATÃO, 210b)

Fazer de si um amante de todos os corpos belos é dar o devido valor ao universal. Que faz com que todas as coisas belas, na perspectiva platônica, participem do belo em si, do que é comum e universal a todas as coisas belas, já que o belo em si está por detrás do véu das coisas aparentes. Como consequência, Platão exorta que o verdadeiro filósofo deve atenuar e equilibrar as paixões de um corpo particular e assim: “[...] lhe é possível fugir da servidão mesquinha e meticulosa de um caso isolado, situação em que é obrigado a concentrar todo seu cuidado como um lacaio, na beleza particular [...]” (PLATÃO, 210d)

2.4. A RIQUEZA DE UM AMANTE

4º. PASSO: “Conferir mais valor à beleza das almas do que à dos corpos, de modo a que não importa quão escassa seja a graça capaz de vicejar em qualquer alma, lhe baste para amar e zelar, além de gerar e instigar o discurso que promoverá o aprimoramento dos jovens [...]” (O Banquete, 210c)

Como último passo antes da contemplação final, o amante deve atribuir mais valor ao particular – a alma do amado – “que diz respeito ao belo em si mesmo” (PLATÃO, 211c), e do que é comum a todos. De maneira que isto gera vontade no amado de produzir discursos em prol de seu próprio aprimoramento, cuidando da condução correta do eros de seu amado, para que ele – o amado – cultive o autoconhecimento e volte o

olhar para si, a fim de que conheça a si próprio e automaticamente recorde de sua natureza divina, instigando-o para continuar nessa vida filosófica.

3.DO BEM MORRER E DO VIVER PLENAMENTE

“Nessa vida, acima de quaisquer outras, meu caro Sócrates, um ser humano julga realmente a vida digna de ser vivida ao contemplar o belo em si.” (PLATÃO, 211d).

Essa é a frase que no diálogo põe início à narração de Diotima do que o amante encontrará no final da ascensão erótica. Ao seguir esses degraus descritos por Diotima o Homem tem como “recompensa” do seu caminhar filosófico a contemplação do que é verdadeiramente belo. E, este Homem percebe que aquela visão pura das Ideias –do universal, do que é comum a todos, ou seja, do belo – é tão brilhante, é tão divina, que supera quaisquer beleza corpórea ou material, “contemplando, superará em brilho teu ouro e tuas vestes, teus atraentes rapazinhos [...]” (PLATÃO, 211d).

Cabe ressaltar como sempre o estudioso Lima Vaz aponta que a contemplação final não seja um sentimento de êxtase vago e sem nenhum efeito no Homem. A contemplação e a obtenção final desse caminhar filosófico, demasiadamente árduo, ultrapassa os limites da pura comunhão com o belo e eleva o Homem para um sentimento e comportamento de ordem, de acordo com aquilo que viu, não como imagem, mas como intuição pontual:

Se a Platão competia dar aos gregos um novo sentido de vida, fundar uma nova paideia, para falar como Jaeger, era um valor de vida que ele deveria colocar no centro de sua visão. O bem no indivíduo, o bem na cidade, o bem no universo [...] ³⁵.

³⁵ LIMA VAZ, Henrique. 2011, p.66.

Assim, o destino e a obtenção final do Homem, após esse longo e difícil caminhar, é então o genuíno toque, diferentemente do primeiro toque da caminhada, ou seja, o tocar no corpo do amado. Agora, na realização da contemplação final, o Homem toca verdadeiramente – ele intui – a virtude, “ora, o bem no indivíduo é a ciência. A ciência é a virtude [...] é a ciência de uma realidade transcendente”³⁶. Em suma, o Homem ao chegar nessa etapa final, que é a meta final da educação platônica, vê verdadeiramente a virtude e, tem uma verdadeira revolução total de seus pensamentos e atos, porque o Homem que realiza essa visão do sumo bem, é marcado para sempre, e por isso “[O homem] estará fadado a se tornar caro aos deuses. Ele, acima de todo ser humano, é imortal” (PLATÃO, 212a).

E, por fim, é possível enxergar que todo o objetivo final de toda *paideia* na perspectiva platônica, é essencialmente um cuidado com a alma, é um preparar-se para o bem morrer, que durante a caminhada filosófica é um viver plenamente consciente de sua natureza divina e imortal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi tentar elucidar, juntamente com grandes comentadores como Scolnicov, Cordero, Lima Vaz e Gordon, as questões relativas ao pensamento platônico, primordialmente, no âmbito educacional. De modo que ao analisar os valores fundamentais presentes no sistema platônico de educação, ocorra uma compreensão da ligação deste, com os degraus para a ascensão do filósofo, rumo à máxima da episteme platônica – ciência –.

Com efeito, este trabalho também foi realizado com o intuito de elucidar a beleza educacional platônica, já que ao discorrer das páginas, não só é possível perceber de Platão uma necessidade e vontade de educar o Homem da polis, para que ele esteja voltado ao bem comum, como também é possível ser suscitado por meio de suas

³⁶Ibid., 2011, p.66.

palavras, a reflexão da importância da educação como um modo de vida e não apenas como um aglomerado de informações teóricas.

Em suma, esse artigo também é uma ferramenta para comparação de uma visão extraordinária da educação, que pode ser útil para avaliar as características da educação atual, pelo próprio leitor, baseado em suas próprias experiências e noções. Por fim, encerrarei com o texto com um trecho belíssimo de Henrique C. Lima Vaz, que sintetiza de forma inigualável toda a minha tentativa de elucidar a beleza da educação platônica:

A grande missão da Grécia foi conduzir os homens a si mesmos, segundo o aforismo socrático, foi ensinar-lhes o caminho da autêntica interioridade do ser racional. E a Grécia é Platão. [...] o homem antigo – o homem eterno – recebeu a revelação da razão que ficou, no momento mesmo em que ia ser chamado a cruzar as fronteiras da natureza para a grande aventura da graça, como o título da sua nobreza e as arras do seu mais alto destino.³⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDERO, Luis. **A invenção da filosofia**. São Paulo: Odysseus, 2011

GORDON, Jill. **O mundo erótico de Platão: das origens cósmicas à morte humana**. São Paulo: Loyola, 2015.

LIMA VAZ, Henrique. **Platonica, escritos de filosofia VIII**. São Paulo: Loyola, 2011.

PLATÃO. **Diálogos/ O Banquete**. [trad. Edson Bini]. Edipro. São Paulo, 2010

SCOLNICOV, Samuel. **Platão e o Problema Educacional**. São Paulo: Loyola, 2006.

³⁷ LIMA VAZ, Henrique. 2011, p.67.